



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário

1 de Julho de 1989

Ano XLVI — N.º 1182 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Quem acaba de visitar aldeias, vilas e cidades do interior, onde a situação habitacional apresenta focos dispersos de degradação, que inquietam, mas simultaneamente mobilizam boas vontades para os resolver, ao chegar a Lisboa tem a sensação de esmagamento, perante as manchas imensas de barracas a esmo amontoadas aqui e além. Fala-se em quatro dezenas de milhar.

Elas começam logo nos arredores e penetram pela cidade dentro, desde o Bairro Chinês, passando por Chelas, até à Charneca, Quinta Grande, Musgueira, Telheiras, Casal Ventoso, Curraleira, encosta de Algés, perdendo-se nos arredores de Benfica e de Monsanto. Trata-se de um mundo de habitações diminutas, em madeira, em chapa, em tijolo, cobertas de zinco, de madeira, de telha, de plástico, sem esgotos, sem água, nem condições mínimas para nelas se viver, mas vivendo-se.

A recente encíclica «Solicitududo rei socialis» afirma que o primeiro sintoma do subdesenvolvimento, a nível mundial, é a falta de habitação. Como é verdadeira esta afirmação palpável, dentro da capital portuguesa! A família é, de facto, o centro vital da sociedade. E a casa o seu ninho natural: o ponto de partida para um viver digno e humano. O habitat condiciona o viver. Se aquele é degradado, o viver não poderá, logicamente, ser sadio. O crescimento físico, cívico, educativo, moral do homem não se fará de modo correcto, num viver permanente em degradação. O Homem é feito pelo molde em que vive.

Quem se dá ao cuidado de percorrer estas manchas imensas de barracas dá com um mundo de subdesenvolvimento, lado a lado com outro mundo de progresso, com o Portugal que nas suas estruturas de serviço quer ser europeu, moderno e avançado.

Dei-me também ao cuidado de entrar em alguns destes aglomerados humanos, que já conheço de há anos. A sua extensão é cada vez maior e o grau de degradação não o é menor, e em todos os sentidos. Fervilha neles, por toda a parte, gente que parece entrar e sair de esconderijos. Ninguém parece ter gosto pelo viver. Ao lado da miséria material está bem patente a miséria moral. Aquela costuma dar-se bem com esta.

— Sabe — dizem-me almas inconformadas — aqui há de tudo: prostituição gratuita, droga, roubo, vadiagem, exploração da pobreza alheia. Há quem faça barracas e as alugue a dez mil escudos mensais.

Denunciar o mal não chega. É no entanto necessário um grito de alerta.

Ter compaixão também nada resolve. É precisa uma acção concertada de muitos que queiram mesmo acabar com o problema e a começar pela classe política. É que o problema é antes de mais político. Mas os políticos, infelizmente, só fazem alguma coisa, normalmente, quando daí podem colher dividendos. E aqui está o grande problema dos problemas.

Padre Baptista

NOTAS DA QUINZENA

1 É médico e veio visitar o Calvário. Entrou e foi passando, lentamente, com olhar interessado, pelos doentes. Uns, acamados. Outros, nos seus carinhos ou limpando a Aldeia linda que é a sua morada que, antes, não tinham. Não dizia palavras. O silêncio era a linguagem com que comunicava. Homem inteligente, habituado a fazer maravilhas com o bisturi noutros doentes que entram na sala de operações do hospital onde trabalha.

Parou, repentinamente. Convidei-o a continuar a visita. Que não! Tinha visto tudo e não precisava de ver mais. Percebi a sua confusão. Não sei se é crente ou não. À hora da despedida, segredou-me como quem quis revelar a coisa mais importante recolhida em seu coração de homem honesto:

— Aqui, a ciência cala-se. Só o amor tem direito de falar.

Pai Américo, quando deu conta da situação dos doentes incuráveis, sem eira nem beira — nas camas dos hospitais não havia lugar para eles, nem na família, por não existir ou por falta de verdadeira dedicação — responde com amor. Nasceu, assim, o Calvário. Como Casa de família para eles. Foi o último grito dum coração apaixonado por Jesus Cristo vivo na pessoa deste tipo de Pobres.

Cont. na página 2



O João limpa os arruamentos da bela Aldeia do Calvário, sua morada — que dantes não tinha...

SETÚBAL

Tenho presente a carta de duas senhoras vicentinas revelando a maravilha interior dos seus sentimentos no contacto directo com a Casa do Gaiato. «Nós já ouvíamos dizer, mas o sentir da realidade em contacto directo ultrapassa muito o que pensávamos.»

Foi um dia só a ajudar na cozinha e na limpeza da Casa. Mas o ouvir os rapazes e escutar as suas confidências, o acarinhá-los e receber imediatamente retribuição a dobrar, o ajudá-los e ser ajudadas, verifi-

cando a sua inocência, encheu a alma a estas mães de família que pretendiam vir, ao menos, duas vezes por mês.

Ora eu tenho uma proposta e um pedido, não só a estas duas, mas a muitas mais: O Julho e o Agosto são meses de férias para os rapazes, mas costumam ser, ainda, de mais trabalho para as senhoras e para os padres.

Continua na página 3

PELAS CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

• Dia Vicentino Interdiocesano

Foi realizado na Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, e juntou centenas de recoveiros(as) dos Pobres que exercem a sua acção específica nas dioceses nor-tenhas.

Na sessão de abertura houve dois testemunhos sobre a vida e Obra de Pai Américo e uma breve saudação do Arcebispo-Bispo do Porto, Senhor D. Júlio, que lembrou uma conversa com o Fundador da Obra da Rua, em Ílhavo, a propósito da construção de moradias do Património dos Pobres (Curiosamente, vicentinos(as) daquela região gravaram a mensagem de Pai Américo e continuam empenhados em ceder casa aos sem casa).

O coro da igreja de Irivo deu relevo litúrgico à concelebração presidida pelo Senhor D. Júlio que, na hora própria, proferiu oportuna homilia (publicamos alguns excertos), referindo os *motivos do Encontro*; a *boa notícia*; a *iniciativa*, *hoje*; as *Conferências e a Obra da Rua*:

«Estamos celebrando mais um Dia Vicentino e num lugar com motivações espirituais únicas. É um dia de reflexão para quantos se dedicam, voluntariamente, ao serviço dos mais carecidos junto à sepultura do Padre Américo, reavivando a sua mensagem de amor. É um dia de convite a ver e a vir ver. Mas ver significa parar e tornar a ver e ver ainda mais, para assumir responsabilidades e fazer. Isto é do Evangelho, mas a gente peca por não ver ou então por não parar.

São Lucas, na leitura da Missa de hoje, põe-nos diante de um caso limite, um caso doloroso entre os homens, que põe a descoberto a situação de uma humanidade, ou parte dela, que parece abandonada por Deus.

É o evangelista que mais sublinha o carácter libertador de Jesus Cristo, sobretudo para com as classes sociais mais marginalizadas. E, também, para com as mulheres que, naquela época, formavam uma classe social subjugada e privada de direitos.

Portanto, Jesus realiza o milagre a favor de uma mulher três vezes desamparada: por ser mulher, por ser viúva e por ter perdido o seu único filho.

Toma a iniciativa, não espera que ninguém lho peça. E porque se trata de um Evangelho que actualiza a vida no espaço e no tempo presente, em cada homem, é um Evangelho que compromete os cristãos e a Igreja aqui e agora.

Os cristãos devem tomar a iniciativa, hoje, porque essa é a nossa missão: dando a vida aos mais pobres, como sinal profético da Igreja, como foi sinal profético de Jesus. Não só tendo em conta o contexto social, mas o antropológico, porque pouco vale fazer projectos só voltados para a acumulação de bens, se na hora decisiva, o homem se encontrar vazio interiormente diante de Deus. A vida tem um sentido, uma direcção fundamental que, às vezes, é caminhar pelo deserto e que dá valor humano ao que somos e fazemos. O homem não é uma máquina económica, que tem e produz, e aí se limita, mas é um ser criador e consciente de si mesmo e do seu futuro. Este sentido

cristão da vida leva a ter em conta que tanto os bens materiais, como os culturais, artísticos e científicos, constituem um bem de toda a humanidade, ao serviço do crescimento de cada homem, como forma prática e concreta de viver e «amar o próximo como a si mesmo».

Isto quer dizer que numa sociedade que se pretende em desenvolvimento, os Pobres não podem ser cada vez mais pobres, mantendo situações miserabilistas que, se sempre foram imerecidas, no nosso tempo são escandalosas. A sociedade é constituída por pessoas cuja maturidade deve saber definir-se, que adquiram a capacidade de se sentirem aprovadas ou reprovadas pela sua própria consciência, na medida em que se sintam bem ou mal consigo mesmos. A consciência ética dos actos pessoais e globais tem de ser usada nas referências aos valores de sempre, usando o secular ditado cristão: «Nas coisas certas, unidade; nas duvidosas, liberdade; e em tudo, caridade».

Tomar a iniciativa de descobrir a presença do Senhor em todos os nossos irmãos e encontrá-los sobretudo nos Pobres, vivendo em paz com toda a gente e nunca pagando o mal com o mal.

Na sociedade consumista e materialista, como a dos nossos tempos, estas palavras podem provocar murmuração e desprezo. Mas esta é a grandeza do homem de fé.

Sentimo-nos felizes por termos nos limites da nossa Diocese do Porto, a Obra do Padre Américo. Bendito seja Deus pelo Padre Américo e pela sua Obra.

Sentimo-nos felizes pelo número elevado de Conferências Vicentinas na nossa Diocese do Porto. E desejamos que ao número corresponda a qualidade de homens, senhoras e jovens que delas fazem parte. É uma riqueza voluntária desejada, de leigos com espírito cristão, que se reúnem e vão ter com os necessitados, sem olhar a quem; às vezes arremedados pelos cépticos, porque ficam incomodados.

Sentimo-nos felizes pelos irmãos, aqui presentes, vindos de outras Dioceses (Braga, Viana do Castelo, Bragança, Vila Real e Aveiro), porque todos somos Igreja de Jesus Cristo que peregrina nesta terra. A reunião de muitos e diversos, lembra mais o dia de Pentecostes, em que todos falaram e entenderam a mesma língua. Aqui todos falamos a mesma língua, porque a Palavra de Deus está nos nossos corações.»

Em suma: A Casa do Gaiato, os Padres da Rua, procuraram dar o melhor acolhimento possível aos vicentinos, secundados pelas Conferências da região. Tudo correu pelo melhor — graças a Deus.

PARTILHA — Aquela pensionista que serviu, devotadamente, os patrões até ao fim, «*manda 500\$00 para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus ajudar os Pobres*». É, assim, todos os meses!

Um casal, do Fundão, mantém uma perseverança extraordinária. Aí está (ele e ela) cada um com suas intenções — cumpridas religiosamente.

«*Uma portuense qualquer*», escondinha no anonimato, deixa 3.500\$00 e esta mensagem: «*Com o lindo mês de Maio quase a acabar, junto a migalhinha para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, pequena ajuda para o que necessitam de amparo aos Irmãos carecidos de tanta coisa e que em vós encontram, tantas, tantas vezes, quem lhes dá a mão. Bendito seja o Senhor!*»

A assinante 19177, do Porto, não falha e segue com 750\$00. Mais um cheque de cinco contos, de Marília, «*para ajudar o que for mais preciso, para o mais precisado Irmão pobre protegido pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. Se me permite — continua — sugiro que esta humilde oferta se destine à compra de medicamentos. Mas, logo que seja para auxiliar os Pobres — está tudo bem.*» E termina: «*Caso não seja abuso da minha parte, peço uma oração por alma de meu marido e de minha tia.*» Espírito de Família!

A assinante 34449, das Antas (Porto), remete, «*novamente, a migalhinha que prometi, a mim mesma, enviar, enquanto viver e puder. Que pena não poder mais! São 500\$00 por mês que divido duas vezes por ano e darão a quem entenderem. São tantos os que precisam!*»

Outras presenças assíduas: Vale de correio (2.000\$00) da assinante 26471, lembrando um irmão que Deus levou «*em plena juventude*», e «*gostaria fosse entregues a uma senhora idosa e doente — se assim for o vosso desejo, também. O vale é referente aos meses de Maio e Junho do corrente ano*». As datas, de cada óbulo, referenciadas com oportunidade! Remanescente de contas, pela mão do assinante 6790. E mais 500\$00 do assinante 11751, de Caldas da Rainha, «*em nome do meu irmão e em acção de graças pelas melhoras obtidas de uma grave doença de que ainda está convalescente...*»

Fecha a procissão uma presença de Montclair, Durban (África do Sul), que arruma contas com O GAIATO — e afirma: «*Caso possam retirar um pouquinho desta importância e investi-la na Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, ficaria muito satisfeito. Desculpem ser pouco; mas, a vida, por cá, está a tornar-se cada vez mais difícil e complicada.*»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — A uma das famílias que visitamos, estávamos a dar quatro mil escudos por mês, mas as queixas são tantas que se lhes aumentou um conto. Só o marido a trabalhar, seis filhos, a mais velha no Liceu, outro entra este ano para o Ciclo Preparatório.

No dia em que os visitei, estavam a ver como arranjar dinheiro, pois o pequeno tinha que tirar o bilhete de identidade, necessário para juntar ao resto da papelada de matrícula. Mas a principal queixa da pobre mãe é que tem filhos pequenos e precisam mais do que os outros, de leite. Diz ela: «*Como é que os filhos dos Pobres o podem tomar ao preço que ele está?!*»

Uma vicentina

Na última reunião, recebemos uma ótima novidade: um vicentino deu conhecimento que a sua Pobre ia contrair matrimónio. Dizemos ótima novidade porque sempre tiveram imensos problemas com ela e o companheiro, desde não ligarem à casa, aos filhos e alcoolizarem-se. Mas a bênção de Deus bateu àquela porta: a senhora tornou-se numa verdadeira dona de casa e o companheiro num bom chefe de família. Decidiram completar a sua felicidade:

casar, baptizar os três filhos e fazerem a comunhão. Meus amigos, podem não acreditar, mas, para nós vicentinos, é importante conseguirmos encaminhar os nossos Pobres para o bom caminho. Os confrades estão satisfeitos porque vão conseguindo realizar o que pretendiam: casar os pais e baptizar os filhos. Mas há aqui um pequeno problema: eles são pobres; querem, pelo menos neste dia, levar uma roupinha adequada à cerimónia e as alianças. Apelamos à vossa boa vontade, pois o casamento e baptizados são já na próxima quinzena de Julho. Afinal, merecem ter um dia muito feliz e cheio de carinho.

Quando à casa para a Maria do Céu, esperamos em breve ver solucionado este problema que já se arrasta há muito tempo, lamentando que as coisas não estejam a correr como pretendíamos, mas não depende só de nós.

Casal vicentino

Aproveitamos para dar conhecimento do número de Pobres para quem têm contribuído todos os meses: 48 crianças e 22 adultos. Como podem calcular, são muitas bocas que temos de ajudar e é só com a vossa colaboração que conseguimos dar um pouco mais de conforto a estes nossos irmãos.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Assinante 19177, 750\$00; J. R. D., 2.000\$00; assinante 1917, 3.000\$00; assinante 7769, uma migalhinha.

Pedimos à «leitora da casa dos 100» nos diga o seu número de assinante.

A todos os amigos, aqui fica o nosso obrigado e até à próxima.

NOTAS DA QUINZENA

Continuação da página 1

Nestes dias passados no meio deles, vou descobrindo a beleza do ideal que pode dar sentido à vida de tantos e tantas que procuram o seu caminho com sinceridade.

A Igreja, como Mãe e Mestra de humanidade, quando vai ao encontro dos Pobres, revela o rosto maternal do Deus verdadeiro, tão procurado e tão rejeitado, ao mesmo tempo, pela sociedade actual. O Caminho de Deus-Pai passa pelo homem. O Mensageiro de Deus-Pai não escolheu outro Caminho. Amando e só amando todos, sem excepção, porque se debruçou com especial carinho sobre os mais caídos, seduziu outros e outras a segui-lo, até ao fim, até à morte. Hoje, o caminho não pode ser diferente.

As palavras daquele médico, à hora da despedida, são o testemunho.

2 Doutra vez, eram duas jovens, na hora das grandes decisões na vida. Uma abeirou-se de mim e perguntou como podia viver a sua vocação baptismal, dedicando-se totalmente aos Pobres.

— Abraçando a sorte deles; vestindo-se ao jeito do comum das jovens sensatas, sem nada que a distinguisse exteriormente, senão o tipo de serviço.

Encontrou o caminho no meio dos Pobres, sem as peias de estruturas que não correspondiam ao dom que Deus tinha posto em seu coração.

Outra, porque queria dar-se, de verdade, não especulativamente, como dizia. Compreendi a palavra «*especulativamente*». Nos discursos de circunstância, o cuidado pelos mais carecidos, os mais desprotegidos, aparece, muitas vezes, como um slogan, sem significado na vida de quem pronuncia tais palavras. Por isso, perdem o crédito. Esta queria dar-se, de verdade. Encontrou o lugar.

Que nem uma falha de fé, nem a fadiga, nem a ausência de apoio humano asfixiem a força do ideal que as perseguiu e prendeu.

Que o Senhor de todos os dons continue a soprar onde, como e quando entender! Vivemos nesta esperança.

Padre Manuel António

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

O dia 16 de Julho de 1956 foi uma data que ficou gravada na memória daqueles que tiveram o privilégio de conviver, lado a lado, com Pai Américo. Um dia muito triste para todos os seus filhos, que nessa altura já rondavam muitas centenas; e, também, para muitos necessitados que viam nele o «Pai dos Pobres».

Hoje, passados trinta e três anos, a sua figura continua presente nos nossos corações, muito em particular nos dos antigos gaiatos.



A G O R A

Já ia longa, na derradeira edição d'O GAIATO, a saída estival desta antiga «procissão» em que o «orago» é o amor ao próximo «em obras e em verdade», pelo que tivemos de guardar para depois uma nova saída. É hoje.

Abre-a uma velha Amiga, de Braga, que tem o Júlio por habitual correspondente. «Desculpe-me, por favor, mais uma vez o vir maçar. Mas sou velha e os velhos quando se sentem compreendidos, batem sempre à mesma porta — e eu cá estou a bater à sua.» E com o recado amigo, a sua lembrança, que contempla vários destinos e também o Património dos Pobres.

Da Praia da Aguda, «uma telha» de mil. Outro tanto, não sei de onde. Sete vezes mais, de Fiães. É de uma das costumadas de Correspondentes daquela terra. Vinte e cinco mil, do Porto — R. de S. to Ildelfonso. O dobro, de algures. Presença, também, de muitas vezes, de onde Eça escreveu *A Cidade e as Serras*.

Lisboa — Rua S. Filipe Neri, dez contos para «ajuda do arranjo de qualquer casinha arruinada ou inacabada». Metade, com esta legenda: «Peço anonimato». Aqui o tem.

Duzentos mil, da Amadora, de um Professor Universitário que tem aparecido um ror de vezes. Cinco, de assinante, que «faz hoje», motivado «pel'O GAIATO n.º 1174», «o que já há muito tinha destinado fazer». Dois mil, da Póvoa, e «muito obrigado por todas as histórias verdadeiras que se lêem neste belo jornal». Mais cinquenta mil, da Maia: «Trata-se do cumprimento de uma promessa que em hora de muita aflição fiz por minha mulher. E, embora ela não esteja completamente curada... fico com a minha consciência mais tranquila. Deus fará o resto».

Nem sei o que mais admirar neste grito de alma: se a rectidão da consciência, se o amor conjugal que ele revela, se a fé que põe «o resto» nas mãos de Deus!

Em 16 de Julho de 1989, a nossa presença em Paço de Sousa será ocasião para mais um acto de gratidão a Pai Américo por tudo o que fez pelos antigos gaiatos e pelo que continua a fazer pelos actuais.

Não tenhas a coragem de dizer, como infelizmente alguns dizem, que se hoje estão bem integrados na sociedade portuguesa, nada devem à Casa do Gaiato, esquecendo por completo as suas origens.

Não sejas ingrato! Não sejas mau filho!

A demonstração da nossa gratidão a Pai Américo será uma cerimónia simples — como ele sempre gostou. Um ramo de flores no seu túmulo, acompanhadas de três palavras: **Obrigado Pai Américo.**

Carlos Gonçalves

Cem mil, da assinante 30810, do Porto. Dez vezes menos do João, de Amarante. Dois mil e quinhentos, de Nisa, a acompanhar lista de assinaturas liquidadas. Lista semelhante, da Paula; e mais vinte «para os autoconstrutores».

Cinco mil, de Eduardo, do Porto. Três vezes mais, de Gaia, e outro tanto para o Calvário. É do António Augusto.

Tudo o que vai ter ao Espelho da Modã. Outro «pequeno donativo», de cinquenta mil, e «Deus dê forças ao P.e Baptista para continuar a atear o fogo por essas aldeias e lugares quase inacessíveis».

Outra «freguesa», de Fiães, por duas vezes, e uma delas com lista de assinaturas que tomou a seu cuidado.

Dez mil, de uma reformada. E esta carta reveladora de um altíssimo sentido de justiça social:

Correspondência de Família

«Querido Padre Manuel!
Saúde e paz da parte de Deus é o que desejo para si!

Fez-se muito tempo silêncio, não sei a que se deve. Verdade é que cartas tenho enviado quase mensalmente. Acredito na boa vontade e sei também que esta situação é geral: as cartas não vêm. Por isso, aproveito esta oportunidade para dar-lhe notícias da minha parte.

Estou bom, graças a Deus, animado do mesmo ideal: ser de Deus e dos homens meus Irmãos — na Obra de Pai Américo. Tenho pedido ajuda no meu crescimento e amadurecimento deste ideal. Tenho dialogado com os meus formadores. Em todas estas pessoas vejo a boa vontade e a abertura em deixarem e ajudarem a realização do plano de Deus a meu respeito.

Como sempre o fiz, entendo e sinto dentro de mim, sobreponho o amor e a decisão de me entregar à Obra da Rua sem qualquer condição: de lugar, de tempo necessário e não necessário; de possibilidades e não possibilidades; enfim, junto a esta vontade vai também um acto de confiança e certeza de que a vontade de Deus há-de ser feita!

Espero que me escreva, como sempre, dando-me orientações oportunas e necessárias para esta etapa de formação, que é a minha. Agradeço a boa vontade e aceitação que tem para comigo. Rezo e peço a sua oração e bênção para que eu seja pobre e amigo dos Pobres.

Os outros gaiatos de Benguela estão bons. Também esses me preocupam, mas o problema é sempre o mesmo: «A messe é grande, mas os operários são poucos...»

Por aqui fico e eis-me aqui.
Um abraço do seu filho Manuel»

«Junto cheque de duzentos mil escudos, primeira prestação da venda de uma velha casa que pertenceu a familiares directos meus e que como herdeiro vendi. Assim, o que era de pobres vai para os Pobres, por alma de meu pai e meus irmãos, para que Deus lhes dê a vida eterna. Peço-vos uma oração por eles.

Voltarei ao longo do ano com iguais quantias até perfazer o total da venda, se Deus me der vida e saúde para o fazer.

É esta a minha intenção e de minha mulher.

Não precisam agradecer, uma vez que o dinheiro verdadeiramente não é meu.»

Outra, da mesma sorte:

«Sou a mulher do assinante 26049 e venho, mais uma vez, cumprir aquela obrigação que perante vós assumi, isto é: sempre que um filho nosso se case e eu tenha a possibilidade de o ajudar a comprar o seu ninho, acrescentamos uma 'taxa' para os sem casa, do Pai Américo.

Desta vez ajudámos dois dos nossos e é com grande alegria no coração e dando graças a Deus que enviamos a respectiva 'taxa' (cem mil), pedindo as vossas orações para os dez filhos, que Deus nos deu e o favor de aplicardes a 'taxa' como melhor vos aprouver, de preferência contemplando, de algum modo, a Autoconstrução.»

A luz não pode esconder-se sob o alqueire. A luz alumiar-nos-á a nós pecadores. O esplendor dela fica com Deus.

Sobras, muitas, de pagamentos de assinaturas. De Colos (Beja), 9.000\$. De Cascais, de pessoas que recebem mensalmente a visita da Sagrada Família, quase 8.000\$. De um Carlos, de Portalegre, 1.500\$. Cinco mil, de Vidigal. O dobro, com «os cumprimentos e a gratidão» não sei de quem. Igual quantia, de Nogueira do Cravo, de um avô que «tem lido sempre o jornal que vem em nome do meu neto». Três vezes mais, de Argoncilhe, de «uma jovem de 25 anos» que «sabe muito bem o que é viver pobre mas, graças a Deus, agora, tudo tem corrido melhor e sempre que possa tentarei fazer feliz mais alguém». Depósito directo de um anónimo: cinquenta contos. O mesmo, de uma fábrica têxtil de Lagoa (Famalicão). O dobro, da Alice, de V. N. de Gaia.

Entregas no Tojal e Montepio Geral, em Lisboa, desde fins do ano passado, a passar de oitocentos contos.

Dois mil, de Aguiar da Beira, onde o movimento de Autoconstrução organizada teve berço. Dez, de Portimão, e «não quero que publiquem o meu nome». De acordo!

Vinte, de Coimbra — R. Condessa do Ameal, um nome tantas vezes e com tanta devoção evocado por Pai Américo. Trinta, do assinante 15693 (com mais setenta a partilhar por outras necessidades). Igual quantia, de Vila das Aves.



RETALHOS DE VIDA

PEDRO

O meu nome: Pedro Orlando Sá Ferreira de Sousa. Tenho 11 anos e ando na 4.ª classe. Sou mais conhecido por Pedro.

Nasci em Barcelos, em 1978, e tenho cá mais dois irmãos comigo. Quero continuar a estudar.

Trabalho na «lenha» e quando há jornal vou vendê-lo ao Porto. Quando for grande gostaria de ser motorista de camiões TIR.

Pedro

Outros vinte, da Rita, de Rio Tinto. Quinhentos escudos de alguém. E um milhão, do Álvaro, humilde e corajoso como S. João de Deus, em cuja rua mora.

E fecha o Zé, de Alcochete:

«Depois de ter lido o 'Património dos Pobres' do último O GAIATO, resolvi prescindir de ir amanhã ao desafio de futebol Belenenses-Sporting e atender ao apelo do P.e Baptista, enviando o adjunto cheque de 2.000\$, importância que me custaria a deslocação e o bilhete para assistir ao jogo.

É com imensa alegria que substituo o prazer de assistir ao jogo pelo prazer de corresponder ao apelo, enviando a referida importância para ajuda de uma telha para a construção do telhado de quem ainda o não tem.

Embora no cheque vá indicado o meu nome, agradeço que o desconheçam.

Um grande abraço para todos os gaiatos do grande admirador da Obra da Rua.»

Padre Carlos

SETÚBAL

Cont. da página 1

Dói-me o coração ver estas escravas anuais (as nossas senhoras) que servem desde manhã cedo — e quantas noites — até às 23 e 24 horas de cada dia; sem sábados nem domingos, sem dias feriados nem greves, sem folgas ou saídas — custa-me vê-las, ainda, durante as férias, a orientar a vida caseira, da comida, da roupa, da saúde, da limpeza, do carinho e da atenção constantes. Elas precisam de **Mulheres** que as substituam ou ajudem ou se deixem ajudar por elas, servindo os rapazes, nas suas férias. Quem se dá para servir durante estes 60 dias? Grupos de duas que estivessem ao menos 15 dias. Mães de família! — Porque não?, se os filhos e os maridos já são autónomos? É deixá-los 15 dias. Vai fazer-lhes imenso bem. Irão saber, pela ausência, quão confortável é na vida familiar a vigilância amorosa e sacrificada da mãe e da esposa.

Irão esperar por ela com mais ansiedade do que a das sentinelas pela aurora e os 15 dias ao serviço dos Pobres serão mais reconfortantes que um retiro espiritual.

Mulheres livres, mesmo jovens amadurecidas, que desejem dar um pouco de si, terão uma oportunidade. É vir, consultar, combinar comigo e dispor-se.

Ninguém fará um acto heróico ou se consagrará numa doação total se não começar por fazer pequenas renúncias, pequenas heroicidades.

Tenho já prometida a permanência de dois seminaristas teólogos: um de Aveiro e outro de Portalegre para a última quinzena de Agosto. Este mês será, também, o dos doentes do Calvário. Dois turnos de 15 dias. Aguardo que os mesmos jovens se organizem para os servir e se servirem *dos Doentes para servirem Jesus* de uma forma visível, sensível, experimentável.

Padre Acílio

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

O NOSSO JORNAL

A expansão continua, graças a Deus, com franco acolhimento daqueles junto de quem temos ido. Tem sido um longo peregrinar por aldeias, vilas e cidades aonde nunca fomos. Povo simples e aberto que, geralmente, já tinha ouvido falar de Pai Américo e da sua Obra, mas fica agora a conhecer melhor; e, sobretudo, mais capaz de participar nas vidas de que O GAIATO lhes leva notícia e é estímulo à comunhão nelas. É a Família que se dilata — a *Família de fora*, como dizemos em nossa gíria, para a distinguir dos que habitam sob as nossas telhas. São mais «os que riem com quem ri e choram com quem chora» — e esta é a verdadeira riqueza de uma comunidade cristã

como é aquela imensa Família que O GAIATO reúne e alimenta.

A fraternidade dos Párcos, ao abrirem-nos suas portas, tem sido uma constante e é valor que muito nos conforta. Alguns têm chamado a si o pelouro das contas com o jornal, já que esse é um ponto que sempre, e deliberadamente, secundarizamos, para aproveitamento total da homilia na comunicação da doutrina.

Ainda esta semana tivemos duas substanciais presenças desta sorte. Um, pelo correio. O outro veio ele mesmo ditar ao Carlos Alberto, ao ritmo do computador, nomes e números dos cerca de duzentos paroquianos seus que são assinantes d'O GAIATO. É a paróquia em

peso, que ele, bom pastor, conhece *nominatim*. Que coisas lindas eu tenho observado neste andar por lá! Se algum bem deixamos, quanto não trazemos!

Ultimamente, interrompemos o itinerário programado (a região de Oliveira de Azeméis) para ir às terras aonde os rapazes de Paço de Sousa ainda iam e agora já não vão: Amarante, Espinho, Aveiro e Braga. Destas duas últimas cidades ainda nos falta visitar várias paróquias; porém, nas que visitámos, colhemos já mais assinantes do que os jornais que por lá eram distribuídos. Muitos tinham gosto em receber o jornal da mão do nosso rapaz. Mas compreenderam as vantagens da assinatura e até, na generalidade, a vinculação mais profunda entre a *Família de fora* e a *de dentro* que este modo opera, uma vez que a proposta da assinatura leva o compromisso habitual da leitura e o pedido veemente de que não assine, nem compre, quem não puder ou

quiser assumir tal compromisso. Assim iremos caminhando para a coincidência entre o número da tiragem do jornal e o de leitores (o destes muitas vezes múltiplo daquele, na medida em que há vários leitores na mesma casa) — o que para nós significa uma purificação desejada. Não é o número de jornais impressos o que nos interessa; sim o número de pessoas tocadas por ele. E o toque vem da leitura.

Feito já na nova tipografia, esperamos, em breve, com o uso de papel melhor, melhor poderemos aproveitar os recursos da fotocomposição e *offset*. Os rapazes estão tentando dominar as possibilidades das novas técnicas. Contudo, ainda um problema grande nos preocupa: o da expedição. Passam de cinquenta mil jornais cada quinzena. A mudança da «lenha» dá conta da dobragem, no meio de grande algarria que dá cabo da cabeça dos «velhotes». Depois, os jornais passam à mão de dois operadores, de

14 anos qualquer deles, que os endereçam na velha *Cytoph* a desfazer-se. Nem estas máquinas se fazem mais. Pertencem à história. Agora, também o endereçamento tem de fazer-se por ordem do computador — e isso estamos ensaiando. Primeiro foi a procura difícil de uma impressora directa. Parece que a descobrimos. Mas falta resolver o problema da alimentação e da conjugação do ritmo entre computador e impressora, pois que cada uma das máquinas tem a sua própria memória e despachar cinquenta mil jornais endereçados não é brincadeira!

Estes são os bastidores de uma Editora de rapazes, pelos rapazes. O alvoroço da expedição de cada jornal não é de dizer, mas é das coisas mais lindas que aqui se podem ver. Deus queira nunca ninguém troque esta «desordem» por outra ordem!

Padre Carlos

Aqui, Lisboa!

★ Estão na berra as greves dos mais variados sectores socio-profissionais, com maior ou menor impacto. Seja como for, certo de que o direito à greve é um direito, também se deve reconhecer que não é um direito absoluto, dogmático, e que só a ele se deve recorrer depois de esgotados todos os meios de diálogo.

Em nosso entender, pelo que lemos e ouvimos, está-se muito longe de se terem exaurido todas as possibilidades de conciliação e é evidente que faltam às partes uma visão adequada às possibilidades reais do País que somos, até onde se pode ir, para já, na satisfação das reivindicações apresentadas e uma certa flexibilidade da parte de quem tem a grave responsabilidade de gerir os bens públicos. Importaria que reinasse o bom senso e, progressivamente, se caminhasse no todo nacional para um maior equilíbrio entre os diversos sectores, que não só dos que possuem poder reivindicativo (ver o caso dos reformados).

Temos ouvido falar muito em dignidade, à maneira de chavão, de modo unívoco, porém, que todos somos merecedores de respeito e que aos nossos direitos e à nossa dignidade correspondem os direitos e a dignidade dos outros. O contrário será pura demagogia ou baixa política.

No caso vertente, a greve dos professores, ameaça-se com o recurso a medidas extremas, como a recusa de provas de avaliação e de exames, pondo em causa os direitos e a dignidade das famílias e dos alunos, com esforços, trabalhos e despesas feitas, às vezes com que dificuldades.

As escolas, não podemos esquecê-lo, existem por causa dos seus utentes. Os professores e demais funcionários devem estar ao seu serviço, de maneira competente, com assiduidade e aplicação, sendo certo que estes têm direitos e devem ser tratados de modo digno, não se compreende, porém, que se esqueçam aqueles, razão de ser dos estabelecimentos de ensino.

Nos mais variados sectores, quando estão em causa os interesses de terceiros, há lugar aos chamados «serviços mínimos», como sucede nos campos da saúde, dos transportes, por exemplo. É caso para se perguntar quais são os serviços mínimos a assegurar aos alunos.

Pensamos que o recurso às medidas anunciadas não será utilizado. De outro modo, para lá de algumas razões apresentadas, que nos parecem, aliás, justas, os professores prestarão um mau serviço ao País e não poderão falar em dignidade, que esta não é exclusiva de alguma classe ou grupo social. É que um ano perdido não é brincadeira nenhuma e poderá pôr em causa, para sempre, o futuro de muitos jovens.

★ Esteve entre nós, cerca de dois meses, o sr. Padre Baptista, ao serviço do Património dos Pobres. Calcorreando Seca e Meca, nos distritos de Lisboa, Santarém e Leiria, entre outros, levou às comunidades cristãs e não só, o interesse da Obra da Rua pelos que não têm casa ou vivem em condições degradantes. Aqui e ali deixou ajudas para resolver alguns problemas graves e esteve em reuniões várias, a níveis paroquiais, vicariais e nacionais, procurando incutir o interesse dos presentes pelas questões em causa. Foi um serviço dinamizador que esperamos venha a colher frutos, para lá das acções concretas realizadas.

Durante a sua permanência no Tojal teve ainda ocasião de falar em várias paróquias de Lisboa e arredores, levando a «palavra» da Obra a sítios onde já não vamos há muitos anos, por incapacidade do autor destas linhas. De resto, aproveitando a sua presença, foi «médico», enfermeiro, etc. Muito lhe ficamos a dever. Deus seja louvado!

Padre Luiz

REFLECTINDO

★ De frente ou no meio do mar, perdemos um pouco a noção do ontem e do amanhã. Esvai-se a noção do tempo. Sempre igual na nossa visão superficial; sempre diferente pela renovação constante e emanante dos seus fundos.

Assim devíamos ser — os cristãos: sem ontem, sem amanhã, um eterno presente renovado em cada instante pela presença vivificadora de Cristo.

Em tantos momentos — ficamos velhos, anémicos, não vivendo nem sentindo o amor a Deus e aos Outros; e, o que é mais triste ainda, na vivência activa do nosso «eu» que nos domina e estiola.

A intimidade com o Senhor e a consciência dela levam ao desprendimento de nós e de nossas coisas e fazem-nos encontrar os irmãos.

Renovação constante e perene que vem das profundidades!

Somos, sim, cristãos em marcha... Só que, em vez de trazermos os sacramentos no coração, nas mãos, nos pés, nos gestos e nas palavras — os trazemos dentro da mochila, bem envoltos no papel hermético das nossas tradições.

Ser íntimo de Cristo é viver dentro de Deus!

Com esta vivência na alma e na vida, todas as janelas se abirão! O sol entrará e seremos novos em cada instante — como, em cada instante, se renova a Sua criação!

★ Encontrei um amigo que há muito não via. Vive bem instalado e seguro na vida. Sua preocupação de «ter» e «ser grande» nas suas relações sociais tomou-lhe toda a alma e absorve-lhe todas as forças. Nem um sinal de Deus... O «Outro» não tem lugar... Não pensa na Vida Eterna... Senti que não é feliz; as águas do lago começam a apodrecer.

Olhai o mar sempre vivo, fresco e buliçoso! Belo nas suas profundidades sem fim!

Mergulhemos em Deus!

Padre Telmo

Tribuna de Coimbra

• Dois dias de greve dos professores e outros. Dois dias difíceis em nossa Casa. Muitos desempregados. Procuramos ocupá-los, mas não era a ocupação normal. Eram dias de escola.

Pelo panorama da nossa Casa, imaginamos, um pouco, a aflição de quase todos os pais que não têm em que ocupar os filhos. São dois dias de rua. A rua com sua escola.

Há mais ameaças: de exames e avaliação escolar do final do ano que está a chegar. Ameaças de repressão. Perdeu-se a esperança no diálogo. Alguns não querem descer do seu poleiro e os outros não têm condições de subir.

Ontem, num grupo de homens, um levantou a voz e chamou a atenção dos pais que, amedrontados, estão em silêncio de aflição pela sorte dos filhos.

Estamos a assistir ao diálogo dos homens grandes do mundo grande que procuram condições de paz. E vemos os nossos homens pequeninos, no nosso mundo tão pequenino, a procurar condições de fazer guerra.

Que tormento quando cada um perde a confiança no outro!

• Nesta tarde senti certa amargura pelo comportamento do «Mandioca». Toda a tarde e não cortou a pouca erva que devia cortar. Quase sempre fora ou sentado à sombra. O lugar dele era a escola e, por isso...

O «Mandioca» é muito especial. É de cor. Nasceu numa terra e, de pequenino, foi para as ruas dum cidade. Num lar de estudantes davam-lhe bifés e batatas fritas. Habitou-se a uma vida irreal.

Tenho procurado dialogar com ele. Sorri e vira a cara para o lado. É a imagem de muita gente.

• O Carlinhos tinha tratamento aos ouvidos marcado para hoje. Foi na carrinha e voltou sem tratamento. Marcaram para daqui a três meses.

O Carlinhos tem uma saúde muito deficiente. De pequenino a andar para os hospitais. Já foi a todos os de Coimbra. Tem uma montanha de cera que é necessário tirar.

Hoje fizeram greve e não o trataram. Foi uma manhã de viagem. Nós nunca fizemos greve. Os pequenos não podem fazer greve. O Carlinhos vai esperar mais três meses para ser tratado.

E quantos Carlinhos estão à espera!...

Padre Horácio

Cantinho das Senhoras

Quem tem passado, desde há 28 anos, pelo Calvário e pela Casa do Gaiato de Beire, conhece-me bem.

Por vezes, dizem que eu sou a mãe (não me sinto digna de tal nome), mas no dia da Mãe os rapazes deram-me prendas e eu fiquei contente.

Penso nas mães que os abandonaram e, por isso, privadas dos gestos amorosos destes queridos.

Deus mendiga a resposta de senhoras jovens para serem mães. «Eis que estou à porta e bato.» Eu, com 61 anos, vou dando o que posso, um pouco cansada — mas muito feliz.

Margarida



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlia Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
Fotocomp. e Imp. offset: Escalas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 500788899

Depósito Legal n.º 1239
Tiragem média, por edição, durante o mês de Junho: 72.725 exemplares